

RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO: AS CONTRIBUIÇÕES DE JEAN MARC-GASPARD ITARD (1774-1838)
Aliciene Fusca Machado **Cordeiro** – UNIVILLE
Mitsuko Aparecida Makino **Antunes** – PUC-SP
Agência Financiadora: CAPES

Introdução

O trabalho de Jean Marc-Gaspard Itard, com um menino encontrado nos bosques do sul da França no final do século XVIII, posteriormente nomeado por Itard de Victor, seria por si só tema de pesquisa e interesse para diversas áreas, como psicologia, educação, medicina, antropologia. Entende-se que o resgate histórico de conceitos e práticas relatados na obra de Itard pode propiciar importantes reflexões para atualidade, principalmente no que se refere à educação como fator primordial na aprendizagem e no desenvolvimento humano.

Itard trabalhou com Victor durante seis anos e sobre sua experiência escreveu dois relatórios.

É importante ressaltar que não há dados para afirmar que Victor tenha nascido com algum tipo de deficiência; contudo, quando foi encontrado apresentava-se como uma criança muda, não surda, criada longe de toda a sociedade humana, na qual também estavam afetadas as funções mentais superiores.

Adepto das idéias filosóficas de Condillac, Itard acreditava na educação como principal vetor de desenvolvimento da humanidade. Partindo do princípio de que tudo que o homem sabe ele o aprende, Itard acreditou que a educação poderia integrar Victor no convívio social. A convicção filosófica de Itard permitiu que ele embarcasse nesse empreendimento educativo com Victor, afrontando a teoria das idéias inatas e contrariando importantes intelectuais de sua época, tais como Sicard e Pinel, que ao avaliarem Victor após sua chegada em Paris, desacreditaram-no em sua educabilidade, pressupondo uma “idiotia congênita”.

Trilhas metodológicas

O objetivo central deste trabalho é refletir sobre as relações entre educação, aprendizagem e desenvolvimento na constituição do homem como ser histórico e cultural, a partir da obra de Jean Marc-Gaspard Itard.

Contudo, outros objetivos, mais específicos, derivam-se do objetivo geral e da obra estudada:

- discutir a influência das concepções do educador sobre sua prática pedagógica;
- refletir sobre as relações professor e aluno;
- repensar a importância cultural atribuída à linguagem oral.

As intervenções realizadas no princípio do século XIX envolvendo o “selvagem do Aveyron” ficaram imortalizadas nas palavras de Itard, por meio de dois relatórios (ITARD, 1801; 1806).

Esses relatórios serão o ponto de partida e a ancoragem desta pesquisa. Entretanto outros textos, de Itard, de seus contemporâneos e de estudiosos sobre sua obra na atualidade foram utilizados para se obter uma melhor compreensão de suas idéias, práticas e concepções.

A partir de um enfoque metodológico que reconhece o homem em seu caráter de sujeito social, histórico e cultural, procurou-se ler a obra de Itard como totalidade multideterminada, entendendo que ele foi um homem de sua época, com grande comprometimento científico, conformado na base epistemológica sensualista, e que suas idéias e práticas foram determinadas social, política, econômica e culturalmente.

Desta forma, buscou-se articular três diferentes, não mutuamente exclusivos, níveis de análise que, segundo Antunes (2005), são: interno; de fundamentação filosófica; de totalidade.

O nível interno refere-se aos conceitos, pressupostos, método, práticas, enfim aqueles aspectos que se referem diretamente à obra de Itard. Esses elementos adquiriram uma determinada conformação a partir da base epistêmica-metodológica adotada pelo autor estudado. “Assim, o primeiro nível de análise não se esgota em si mesmo, mas se complementa e se radica nesse segundo plano analítico” (ANTUNES, 2005, p. 115). Um terceiro nível de análise teve como objetivo compreender a articulação entre a obra de Itard e a sociedade parisiense conformadas na virada do século XVIII para o século XIX, considerando as relações produzidas dentro desse tempo-espaço específico e as forças que as determinaram.

A articulação entre os níveis de análise acima explicitados e as categorias que emergiram da leitura sistemática do material propiciou “o retorno a uma síntese mais complexa do que a síntese precária da qual se partiu” (ANTUNES, 2005, p. 115).

O homem torna-se humano nas e pelas relações com outros homens: o início da educação de Victor

Com base principalmente nas idéias de Condillac, filósofo sensualista, Itard estabeleceu cinco metas para seu programa pedagógico, todas elas envolvendo a sensação e a percepção como vias para trabalhar os aspectos cognitivos e afetivos de Victor. Para elaborar seu plano de trabalho, Itard foi incansável em suas observações até determinar quais passos seguiria com Victor. Segundo Lane (1986), ele determinou os componentes mais importantes das dificuldades de Victor – sensorial, motivacional, verbal – e os classificou em áreas que iria tratar com uma determinada ordem, começando pela atividade sensorial e seguindo até a linguagem e o pensamento abstrato.

Ao chegar em Paris, Victor gostava de “dormir, correr, não fazer nada e correr pelos campos.” Itard e a Senhora Guérin¹ procuravam satisfazê-lo em seus gostos; para conhecê-los, Itard observava-o. No interior do quarto via Victor “balançando com uma monotonia cansativa, dirigir constantemente seus olhos para a vidraça e passeá-los tristemente no vazio do ar exterior.” (ITARD, 1801, p. 138). Mas se soprava um vento mais forte ou o sol saía de trás das nuvens, o garoto dava ruidosas gargalhadas. Quando um dia amanheceu nevando, Victor saiu do quarto vestido pela metade e soltava gritos agudos, comendo a neve com uma avidez espantosa.

Com esses comportamentos inesperados, ações repentinas e impulsivas, diferentes daquelas socialmente aceitas, Itard não demonstrava nenhum tipo de julgamento naquele momento inicial. Ele estava conhecendo Victor e sua forma de se relacionar com o mundo. Mediante tais comportamentos estereotipados, classificá-lo seria fácil, mas não era essa a meta de Itard.

Conhecendo os hábitos de Victor, Itard começa gradualmente a tornar suas corridas mais raras, suas refeições menos freqüentes, sua permanência na cama mais longa, tudo com o objetivo de tornar seus dias mais proveitosos para sua instrução. Foi assim que Itard elaborou a sua primeira meta, “*interessá-lo pela vida social, tornando-a*

¹ A Senhora Guérin foi contratada a pedido de Itard para lhe auxiliar nos cuidados com Victor, mais especificamente higiene, alimentação, lazer etc.

mais amena do que aquela que ele então levava, e sobretudo mais análoga à vida que acabava de deixar”.

Dentro dessa concepção, Itard constrói um período de transição para Victor, no qual ele passaria de uma vida errante nos bosques para uma vida em sociedade. Procurou não exigir nesse momento algo que seu aluno não fosse capaz de dar. Ambos estavam se conhecendo, era o momento de construir vínculos.

Se na primeira meta, a base epistemológica adotada por Itard não se faz tão evidente, o mesmo não se pode dizer da segunda meta: *“despertar a sensibilidade nervosa com os mais enérgicos estimulantes e algumas vezes com as vivas afeições da alma”*. Itard julgava que a sensibilidade de Victor era fraca na maior parte dos sentidos, e colocou em seu plano dispor “os sentidos para receber impressões mais vivas”, com o objetivo de “preparar o espírito para a atenção” (ITARD, 1801, p. 139). Ele baseava seus procedimentos nas concepções de Condillac, para o qual as operações psíquicas são sensações transformadas e a atenção deveria ser uma das primeiras faculdades a ser trabalhada, já que seria necessária para o desenvolvimento posterior de outras operações mais complexas, como imaginação, memória e pensamento. Afirma Condillac (1746, p.46), “a atenção que concedemos a uma percepção que nos afeta atualmente nos recorda seu signo; este a outros, com os quais tem alguma relação; estes últimos evocam as idéias a que estão ligadas, estas voltam a trazer outros signos e outras idéias, e assim sucessivamente.”

Neste início da convivência com Victor, Itard observou que o garoto tinha uma tolerância diferenciada ao frio e ao calor, ficava horas acorçado no solo úmido, seminu, sob chuva e vento frio; também era capaz de pegar carvão em brasa na mão. Mesmo que Itard enchesse a cavidade exterior de seu nariz com tabaco, ele não dava nenhum espirro. O que mais espantava Itard era que nunca, mesmo em situações adversas, tinha visto Victor chorando. A audição também era direcionada para os mínimos ruídos provocados por suas comidas preferidas, mas insensível a explosões de armas de fogo. Com o objetivo de “despertar a sensibilidade nervosa” utilizou os mais “enérgicos estimulantes”, como por exemplo, administrar banhos com água em temperatura “altíssima”, com duração de duas ou três horas ao dia. No final de algum tempo, Victor mostrava-se sensível à ação do frio.

As “afeições da alma” também foram utilizadas como “estimulante” para “despertar a sensibilidade nervosa”. De acordo com Condillac (1754) o par prazer/dor constitui o único princípio que determina todas as operações da alma, além de poder

elevá-la gradualmente a todos os conhecimentos de que é capaz. Dessa forma, o par prazer/dor seria o motor para o desenvolvimento do ser humano, pois sem ele não se tem necessidades; sem as necessidades não se buscam novas experiências; sem experiências não há conhecimentos. Assim, a partir do momento em que começamos a ter sensações já estamos submetidos ao par prazer/dor e, quanto mais conhecemos, mais necessidades temos. Tais necessidades nos levam, em última instância, a desenvolver tanto as “faculdades intelectuais”, como as “faculdades afetivas”. Partilhando dessa visão, Itard detecta duas “afeições” suscetíveis em Victor para potencializar sua educação e desenvolver sua inteligência: a alegria e a cólera. Essa última, Itard só a provocava em intervalos distantes

[...] para que seu acesso ficasse mais violento, e sempre com uma aparência bem evidente de justiça. Notava então algumas vezes que, no auge de seu arrebatamento, sua inteligência parecia adquirir uma espécie de extensão que lhe fornecia, para tirá-lo do aperto, algum expediente engenhoso. (ITARD, 1801, p. 143-144)

Percebe-se aqui o entendimento da relação entre cognição e afeto. Itard acreditava que ambos estavam interligados, o tempo todo, conjecturando mesmo que determinados arroubos emotivos deixassem Victor momentaneamente mais “inteligente”, pensando melhor sobre formas de lidar com situações-problema.

Depois de três meses, Itard atinge sua segunda meta, obtendo uma “excitação geral de todas as forças sensitivas”. Relata desenvolvimento do tato, do olfato e do paladar. Victor, entre outras coisas, demonstrava prazer em passar as mãos sobre o veludo e era incapaz de retirar as batatas da água fervente com as mãos; espirrava à menor irritação causada nas narinas e não mais ocorria como no começo. Entretanto, os bons resultados em relação ao desenvolvimento da sensibilidade “não se estenderam a todos os órgãos. Os da vista e do ouvido não participaram; decerto porque esses dois sentidos, muito menos simples do que os outros necessitavam de uma educação particular e mais longa” (ITARD, 1801, p. 146)

Esse momento inicial deve ter sido extremamente gratificante para Itard. Ressalta-se que o médico-pedagogo, ao mesmo tempo em que triunfava atingindo suas metas, adentrava um terreno perigoso, movediço, aquele que Aquino (2000) chamou de “sonho

de totalização” do professor, de “homogeneização do lugar do aluno”, isto é, um lugar em que o aluno se anula para poder viver incondicionalmente o projeto pedagógico do professor.

Embora durante todo seu trabalho com Victor desse enorme importância à linguagem falada, no princípio Itard não faz referência a diálogos com o garoto, nem de sua parte, nem por parte da Senhora Guérin. Não que ele não usasse a fala enquanto realizava essas atividades iniciais com Victor, mas elas não estão descritas nos relatórios como o principal meio de mediação. Deter-nos-emos um pouco mais na análise das causas que levaram Itard a postergar a introdução da mediação verbal. Ele acreditava, como Condillac, que a linguagem oral é fundamental na aquisição dos conhecimentos teóricos, isto é, para ir além dos conhecimentos práticos, que guiados pelo hábito, só poderiam produzir poucos conhecimentos, além de serem bastante limitados. Entretanto, considerava que

[...] leis as mais complicadas, condições as mais numerosas presidem o exercício da palavra falada, devido a que não seja somente uma função, mas uma arte da imitação. Do que se segue que o homem tenha necessidade da troca com seus semelhantes para que lhe comuniquem esta arte, com a participação de um outro órgão, do órgão da audição, para fazê-lo ouvir as primeiras lições, da faculdade de imitar para facilitar-lhe as repetições, e do grau de inteligência dado a sua espécie para fazê-lo compreender e proporcionar-lhe os materiais, que são as idéias. (ITARD, 1828/2004, p. 580)

Itard diria ainda que “um grande vício da educação é crer que ela deva ser a mesma para todos os indivíduos. Ela deveria ser tão variável como é o espírito humano nas suas modificações e à época de seu desenvolvimento” (ITARD, 1802, p. 466). Depreende-se de todas essas colocações que Itard introduziria a linguagem falada quando Victor estivesse preparado para ela. Para o momento era suficiente que Victor fosse “moldado” por meio das sensações e das operações mais elementares.

A terceira meta que Itard propôs-se a atingir na educação com Victor foi “*ampliar a esfera de suas idéias dando-lhes necessidades novas e multiplicando suas relações com os seres que o circundam.*” Não foi sem pesar que Itard declarou: “Se os progressos desse

menino para a civilização, se meus sucessos para os desenvolvimentos de sua inteligência foram até o presente tão lentos e tão difíceis, devo atribuir a culpa disso sobretudo aos inumeráveis obstáculos que encontrei para cumprir essa terceira meta” (ITARD, 1801, p. 147).

Uma das estratégias para atingir essa meta era utilizar jogos, brinquedos e brincadeiras. Itard conta que apresentou vários brinquedos a Victor, inclusive ficando horas inteiras a demonstrar seu uso, mas esses não lhes cativavam a atenção; em verdade, se lhe apresentasse a ocasião, destruía-os ou pelo menos os escondia. O único jogo com o qual Itard obteve sucesso foi o jogo com copinhos. Itard escondia debaixo de um copo de prata uma castanha e convidava Victor, por sinais, a procurar a castanha. Aos poucos, Itard complexificava o jogo: trocava os copos de lugar, depois realizava essa troca de forma mais rápida e Victor sempre conseguia achá-las.

Itard lamenta não ter conseguido interessá-lo por outro tipo de diversão: “Estou mais do que certo que se o tivesse podido, teria tirado grande sucesso delas; e essa é uma idéia para cujo entendimento deve-se lembrar da poderosa influência que tiveram nos primeiros desenvolvimentos do pensamento os jogos da infância” (ITARD, 1801, p. 148-149). Tal concepção antecipa-se a muitas das teorias do desenvolvimento e da aprendizagem que demonstram a importância da brincadeira na infância. Contudo, Itard não consegue elaborar hipóteses para a falta de interesse de Victor.

Nosso entendimento é que jogos e brinquedos tem significado para as crianças porque representam uma forma de inserção cultural. As regras seguidas nos jogos e brincadeiras fazem parte de um contexto social. Aprende-se a jogar e brincar, sempre com um outro. O brinquedo em si não tem significado, até ele ser significado. Nossa hipótese é de que o interesse pelo jogo de copinhos não era somente pelo apelo às “necessidades digestivas”. Relatos realizados logo após a captura de Victor (BONNATERRE, 1800) descreviam Victor guardando sobras de comida como suprimento. Assim, parece-nos que esse jogo tinha muito mais sentido para ele, que já estava habituado a esconder e procurar, do que um outro jogo. Além disso, parece que o jogo de copinhos proporcionava uma interação muito maior entre Victor e Itard, no qual eles ficavam frente a frente, enquanto um escondia, outro achava. Itard modificava o jogo, desafiava Victor e ele se superava.

Aos poucos foram descobertas outras coisas que davam prazer a Victor, como sair de carruagem e passear nos jardins. Lentamente, Victor foi “tomando gosto” por aquela nova forma de existência. Também desenvolveu grande afeição por sua governanta. Itard

dizia que a amizade que Victor tinha por ele era mais fraca, e deveria ser assim. O médico-cientista encenava aqui o mito da neutralidade científica, ainda hoje tão presente nas pesquisas e nas práticas profissionais daqueles que lidam com pessoas, seja na área da saúde, na área social ou educacional.

Outra contestação que Itard se via compelido a responder era: se Victor não é surdo, por que não fala? Elaborou assim a quarta meta: *“levá-lo ao uso da fala, determinado o exercício da imitação pela lei imperiosa da necessidade.”*

Itard entendia que a fala era uma espécie de música, à qual, mesmo ouvidos bem constituídos, podiam ser insensíveis, o que tornaria o indivíduo inapto para imitar, nem que fosse uma só palavra. Mas este não era o caso de Victor, observando-o percebeu que quando pessoas que estavam perto dele diziam sua exclamação preferida – *Oh!* – Victor não ficava alheio, virava sua cabeça em direção a elas. Para desenvolver a fala Itard propõe-se a ativar a laringe “com a isca dos objetos necessários às suas necessidades”. Planejando uma situação que pudesse levar Victor a imitá-lo e ao mesmo tempo tirar proveito de uma necessidade que era obter água – *eau* – Itard tentou de várias formas fazer Victor perceber que se pronunciasse essa palavra, ele receberia aquilo que queria. Mas teve suas primeiras tentativas frustradas. Começou então a trabalhar com a palavra *lait*; depois de quatro dias Victor conseguiu pronunciar, a seu modo, essa palavra. Entretanto, Itard interpretou essa fala não como um signo da necessidade de Victor, mas como uma exclamação de alegria

Se a palavra tivesse saído de sua boca antes da concessão da coisa desejada, estava tudo certo; o verdadeiro uso da fala fora apreendido por Victor; estabelecia-se um ponto de comunicação entre ele e eu (sic), e os progressos mais rápidos decorreriam desse primeiro sucesso. (ITARD, 1801, p. 159)

Itard, não conseguiu o que pretendia com Victor, abandonando o método e deixando “o órgão da voz à influência da imitação”. Victor fez alguns progressos espontâneos e repetia com frequência o monossílabo “lhi” e sempre com maior frequência quando Julie, a filha da Senhora Guérin, estava em casa. Quando estava alegre, Victor usava uma expressão que aprendeu com a Senhora Guérin *oh Dieu!* Não há relatos que essas expressões foram mediadas.

Outro aspecto importante de considerar na dificuldade do desenvolvimento da fala é que da mesma forma que se expressava por meio de uma “linguagem com pantomimas”, Victor a compreendia.

Porém, Itard entendia que, para Victor desenvolver suas operações mentais completamente, ele deveria fazer uso da linguagem oral. Essas idéias eram concernentes as desenvolvidas por Condillac (1746), que entendia que a linguagem oral, composta por signos convencionais, seria mais que um meio de comunicação, seria um fenômeno decisivo na reorganização das faculdades mentais.

Itard, frustrado em suas tentativas de ensinar Victor, acreditava que seria necessário multiplicar as necessidades de Victor para que ele começasse a usar novos signos e ascender à fala. Entretanto, cabe ressaltar que as pessoas que conviviam com Victor acostumaram-se a comunicar-se com ele por meio de gestos.

Apesar das dificuldades em estabelecer a linguagem oral junto a Victor, Itard entendia que todas as faculdades que deviam servir para a instrução de seu aluno já estavam desenvolvidas. Iniciou assim a implantação da sua quinta e última meta: “*exercitar durante algum tempo, a partir dos objetos de suas necessidades físicas, as mais simples operações da mente e determinar em seguida sua aplicação aos objetos de instrução*”. O princípio dessa meta se daria com a utilização do método desenvolvido por Sicard (1798), o qual havia sido aplicado na educação de Massieu, um jovem surdo, de família humilde, que aprendeu a escrever francês em um ano.

Itard começou a instrução de Victor da mesma forma que Sicard iniciou a de Massieu. Ele desenhou sobre uma prancha negra a figura de três objetos: uma chave, uma tesoura e um martelo. Assegurando-se de que o garoto estava atento, colocava os objetos em cima da figura; quando achou que Victor tinha estabelecido a relação figura-objeto começou a apontar com o dedo as figuras dos objetos que deviam ser buscados. As reações de Victor diferiam em muito das de Massieu, pois Victor não trazia nada ou trazia os três de uma só vez. Assim, o mestre, observando que o menino gostava de deixar tudo organizado, utilizou-se dessa informação para uma nova tentativa de instruir Victor e “exercitar a sua atenção”. Pendurou com um prego cada um dos objetos embaixo do desenho e os deixou lá por algum tempo; depois os objetos foram retirados e dados a Victor, e ele os recolocou imediatamente no lugar. Mas Itard percebeu que Victor estava se utilizando mais da memória do que do “discernimento”. Para lidar com essa situação, Itard complexificou a atividade forçando Victor recorrer à comparação do desenho com o

objeto para poder reordená-los. O resultado deixou Itard muito esperançoso para seguir com o método aplicado a Massieu.

O segundo passo do método de Sicard era colocar o nome [“signos alfabéticos”] do objeto junto deste, em vez de colocar o desenho. Contudo Victor mesmo com uma prolongada exposição do objeto sob seu nome escrito não pôde identificá-los.

Assim, Itard abandonou o método de Sicard, buscando encontrar outro “mais análogo ainda às faculdades entorpecidas de nosso selvagem, um método no qual cada dificuldade vencida o elevasse ao nível da dificuldade por vencer” (ITARD, 1801, p. 168). Ele adotou o seguinte procedimento

[...] coleí numa prancha de dois pés quadrados três pedaços de papel, de forma bem distinta e de cor bem contrastante. Era um plano circular e vermelho, um outro triangular e azul, o terceiro de figura quadrada e cor negra. Três pedaços de cartolina, igualmente coloridos e figurados, foram, por meio de um buraco que tinham furado no meio e de pregos dispostos para isso na prancha, foram, disse eu aplicados e deixados durante alguns dias em cima de seus respectivos modelos. Tendo-os tirado depois e apresentado a Victor, foram recolocados sem dificuldade. (ITARD, 1801, p. 168)

Itard fez variações desse exercício apresentando todas essas figuras com a mesma cor, depois todas as figuras iguais com cores diferentes; ampliou a variedade de figuras e a variedade de cores, colocou figuras e cores com diferenciações pouco marcantes. Com a intensificação e complexificação dos exercício Itard viu reaparecer em Victor “os movimentos de impaciência e de fúria que irrompiam tão violentamente no começo de sua permanência em Paris, quando, sobretudo, encontrava-se fechado em seu quarto” (ITARD, 1801, p. 169). Com o passar dos dias, os movimentos de cólera tornaram-se mais freqüentes e violentos, chegando mesmo a convulsionar. Itard tomou uma decisão; antes que Victor se tornasse um “infeliz epiléptico”, usaria um “procedimento perturbador”, inspirado em uma técnica utilizada por um médico holandês.

Assim, quando novamente Victor teve um ataque violento de raiva, Itard procedeu da seguinte maneira. Abriu com violência a janela do seu quarto de Victor, situado no quarto andar e aparentando estar furioso, agarrou-o fortemente pelo quadril, expondo-o na

janela. Após alguns segundos Itard o puxou para dentro e Victor demonstrando claros sinais de amedrontamento foi conduzido aos quadros, tendo que apanhar todas as suas cartolinas e recolocadas no lugar. “Em seguida foi lançar-se na cama, onde chorou abundantemente.” (ITARD, 1801, p.171)

Essa foi a primeira vez que Itard viu Victor chorar. A partir desse dia, sua expressão de descontentamento nunca mais foi tão intensa e violenta.

Castigos, obrigações, horários... Victor foi submetido à disciplina de Itard. Mas a que preço? Educar Victor passou a ser sinônimo de sofrimento, de ambas as partes. Itard nunca se mostrou confortável em seu papel punitivo. Tentou outras formas de interação, quis introduzir a brincadeira, os contatos sociais mais amplos, mas tudo era diferente para Victor. Levaria talvez mais tempo do que Itard e a sociedade esperavam, para que Victor se integrasse a essa cultura tão nova para ele. O que poderia se esperar de um garoto que, acostumado a viver tantos anos em um ambiente hostil, a sobreviver por seus próprios meios, correr livremente, tivesse que ficar horas a fio comparando pedaços de papel? Quão frustrante foi para Itard colocar toda sua iniciativa metodológica a disposição de seu aluno e ter em troca choros e convulsões? Essa situação nos remete a pensar em muitas circunstâncias que afetam profundamente alunos e professores ainda hoje e cuja solução, aparentemente tão simples, parece não ser percebida.

Definitivamente, Itard enredava-se em sua própria trama teórico-metodológica. Imobilizado, não conseguia se desvencilhar daquilo que imaginou ser o melhor para seu aluno.

Mas ainda não seria o momento em que Itard desistiria da educação de Victor; ele avançou na instrução de seu aluno. Mandou imprimir em pedaços grossos de cartolina vinte e quatro letras do alfabeto. Em uma prancha mandou talhar um número igual de compartimentos, nos quais inseriu, sem colar, os pedaços de cartolina, a fim de que pudessem mudá-los de lugar quando necessário. Construíram-se de metal, e nas mesmas dimensões, um número igual de caracteres. Estes eram destinados a ser comparados pelo aluno com as letras impressas e classificados em seus compartimentos correspondentes. (ITARD, 1801)

Ao propor exercícios com as letras do alfabeto, o objetivo era preparar Victor para a escrita, ou seja, aquela que seria a forma de expressar as necessidades que não podiam ser comunicadas pela fala. Assim, em uma manhã, quando Victor esperava seu leite, Itard escreve a palavra *LAIT*, colocando as quatro letras sobre uma prancha. A Senhora Guérin, já avisada do procedimento, deu uma xícara cheia de leite para Itard. Itard repetiu o

mesmo procedimento com Victor. Ele rapidamente recolocou as letras numa ordem totalmente inversa (TIAL). Itard indicava as correções, apontando o lugar correto de cada letra: “quando essas mudanças reproduziram o signo da coisa, não o fiz mais esperar” (ITARD, 1801, p. 174).

Após oito dias veio a prova da compreensão de Victor da relação entre a disposição alfabética e uma de suas necessidades. Victor ao sair pegou por conta própria as quatro letras em questão e as colocou no bolso. Chegando ao seu destino dispôs esses caracteres sobre a mesa formando a palavra “*lait*”, numa clara alusão a este alimento.

Após nove meses de trabalho com Victor, Itard conclui

[...] o menino, conhecido pelo nome de *selvagem do Aveyron*, é dotado do livre exercício de todos os seus sentidos; que dá provas contínuas de atenção, de reminiscência, de memória; que pode comparar, discernir e julgar, aplicar enfim todas as faculdades de seu entendimento a objetos relativos à sua instrução [...] se concluirá daí que sua educação é possível, se é que já não está garantida por esse primeiros sucessos. (ITARD, 1801, p. 174, grifo do autor)

O sucesso do aluno, aquém das expectativas do professor: quem são os culpados?

No início de seu segundo relatório, escrito cinco anos após o primeiro, Itard revela seu pessimismo: “eu teria envolvido num profundo silêncio e condenado a um eterno esquecimento trabalhos, cujo resultado oferece bem menos a história dos progressos do aluno do que a dos insucessos do professor” (ITARD, 1806, p. 183). Itard parecia sentir-se derrotado, após anos de trabalho diário com Victor foi vítima de sua visão de homem. Em sua concepção, o aluno seria a tábula rasa, a folha em branco, a pedra bruta, e o professor o escritor, escultor, modelador. Justificam-se seus sentimentos.

No segundo relatório para mostrar o desenvolvimento de Victor subdivide seu relato: desenvolvimento das funções dos sentidos, desenvolvimento das funções intelectuais e desenvolvimento das faculdades afetivas. Considerando que muitas das atividades relatadas neste documento, já haviam aparecido no primeiro relatório serão destacadas duas passagens consideradas mais evidentes das dificuldades encontradas por

Itard, exemplificando os motivos que o fizeram desistir de sua experiência pedagógica com Victor.

Itard, baseado nos trabalhos de Locke e de Condillac, trabalhou separadamente com os sentidos de Victor, com intenção de desenvolver a faculdade dos sentidos.

Ao trabalhar com a audição, que para ele era o sentido que mais favoreceria o desenvolvimento das faculdades intelectuais, isolou esse sentido privando Victor da visão, colocando uma venda em seus olhos. Iniciando os exercícios com sons fortes e bem distintos, seu objetivo não era só fazê-lo “ouvir os sons”, mas também “escutá-los”. Quando Condillac fez a distinção entre ver e olhar, disse: “não formamos idéias tão logo vemos; formamo-las apenas quando olhamos com ordem e método” (1754, p. 173). Infere-se que a diferença entre ouvir e escutar também seja que “escutar” um som requer a “análise”. Nessa perspectiva, Itard criou um exercício que consistia em estimular Victor a reproduzir um som igual ao que ele havia emitido anteriormente.

Os sons utilizados no princípio eram bem distintos – o som de um sino e de um tambor –, mas aos poucos foram sendo apresentados sons menos díspares, mais complexos e aproximados. Em seguida, passou à percepção dos sons de um instrumento de sopro, sons que em sua opinião, eram mais análogos aos sons da voz. Por último, introduziu o som de sua voz, considerado o último grau da escala para tornar Victor sensível à audição da fala.

[...] punha meu aluno à minha frente, de olhos vendados, de mãos fechadas e mandava-o estender um dedo todas as vezes que eu emitia um som. Esse meio de prova foi logo compreendido; mal o som havia impressionado o ouvido e o dedo se levantava com uma espécie de impetuosidade, e em geral até com demonstração de alegria, que não permitiam duvidar do gosto que o aluno fazia nessas esquisitas aulas. (ITARD, 1806, p. 188)

Itard achava estranho que seu aluno gostasse dessas “aulas esquisitas”. Realmente, Victor parecia apreciar essas aulas; entretanto, não acreditamos que fosse porque estivesse aprendendo a escutar o som da voz humana, não pelo menos da forma mecânica proposta por Itard, mas muito mais pelo contato e companhia do mestre; por conseguir compreender o que estava sendo solicitado e poder fazê-lo.

Itard queria que, além de ouvir o som da voz, Victor discriminasse as modificações e variedades de tons “que compõem a música da fala.” O exercício para atingir esse fim foi a comparação das vogais. Estabeleceu que para a emissão de cada vogal um dedo específico deveria ser levantado. Victor teve dificuldade iniciais, mas ao cabo de algum tempo foi capaz de diferenciá-las. Foi então que as demonstrações de alegria de Victor reapareceram. Diz Itard: “Naqueles momentos, todos os sons eram confundidos, e os dedos indistintamente levantados, em geral até todos ao mesmo tempo, com uma impetuosidade desordenada e gargalhadas realmente irritantes” (ITARD, 1806, p. 190).

Para conter sua expressividade, a venda foi retirada. Por sua vez, Victor começou a se distrair com os mínimos acontecimentos em torno dele e pouco adiantava o semblante severo e até um pouco ameaçador de Itard. O professor resolveu recolocar a venda e as gargalhadas recomeçaram.

Itard buscou outra forma de corrigir Victor, e cada vez que ele errava, Itard batia com uma baqueta de tambor em seu dedo. Victor entendeu que essa era uma brincadeira. Itard tornou-se mais severo.

Fui compreendido e não foi sem uma mescla de dor e de prazer que vi na fisionomia entristecida daquele rapaz o quanto o sentimento de injúria prevalecia sobre a dor da batida. Lágrimas saíram de sob a sua venda; apressei-me em tirá-la; mas, seja embaraço ou temor, seja preocupação profunda dos sentidos interiores, embora desvencilhado daquela venda, ele persistiu em manter os olhos fechados. Não posso descrever a expressão dolorosa, conferida à sua fisionomia por suas duas pálpebras assim aproximadas, através das quais escapavam de tempos em tempos algumas lágrimas. (ITARD, 1806, p. 190)

Victor, que não chorava mesmo tendo passado situações em que havia sido pressionado pela curiosidade alheia, importunado, agora chorava mantendo os olhos fechados. Não se pode presumir o que os olhos cerrados de Victor significavam para ele, mas essa cena denuncia o desgaste de Itard devido às respostas lentas e imprecisas de Victor. Por outro lado, Victor, que via prazer e divertimento nesses momentos com Itard, algo que não acontecia nos exercícios com as letras, começou a ficar temeroso: “um

sentimento de temor tomou o lugar daquela alegria louca [...] quando eu emitia um sinal tinha que esperar durante mais de um quarto de hora o sinal combinado” (ITARD, 1806, p. 191).

O medo e a insegurança começavam a corroer a relação de confiança construída pacientemente. Ao mais leve barulho, o menino espavorido tratava de recolher o dedo e escolher outro para levantar com a mesma lentidão. Mesmo depois de algum tempo, se Itard voltasse a tentar esse tipo de exercício, logo tinha de abandoná-lo.

Contudo, Itard considerou que a série de experiências realizadas com o sentido da audição não foi totalmente inútil. Atribuía a ela, e não à convivência de Victor com ele, entender algumas palavras de uma sílaba só e distinguir as entonações da linguagem, que exprimem reprimenda, amizade, desprezo, mesmo que elas não viessem acompanhadas de pistas fisionômicas ou gestuais.

Mas o trabalho com os sentidos era somente a parte inicial do projeto pedagógico de Itard, o segundo momento, a construção de um sistema de representação da realidade por meio da palavra, seria muito mais relevante, mas impossível de ser atingido sem o primeiro. Segundo Itard, a “representação dos signos” não era parte do campo dos sentidos externos, era preciso recorrer ao *desenvolvimento da faculdade da mente*.

Considerando a fala o “principal motor da educação”, resolveu investir no “sentido da visão”. Para atingir seu objetivo, tinha de “exercitar os olhos para apreender os mecanismos da articulação dos sons, e a voz para repeti-los, mediante uma aplicação acertada de todas as forças reunidas da atenção e da imitação” (ITARD, 1806/2000, p. 215). Itard teve que estudar a melhor forma de mostrar como se articulavam os sons, pelos movimentos dos músculos da face, e durante mais de um ano

[...] lá estão o professor e o aluno em frente um do outro, cada um careteando mais que o outro, ou seja, imprimindo aos músculos dos olhos, da testa, da boca, do maxilar, movimentos de toda espécie; concentrando pouco a pouco suas experiências nos músculos dos lábios e, após ter insistido muito tempo no estudo dos movimentos dessa parte carnuda do órgão da fala, submetendo enfim a língua aos mesmos exercícios, porém muito mais diversificados e continuados por muito mais tempo. (1806, p. 215)

Com esses exercícios mecânicos, Itard não conseguiu atingir os resultados esperados. Victor emitiu nada mais do que alguns monossílabos, ora graves, ora agudos. Depois de prolongar-se mais algum tempo em seu investimento e, não tendo obtido aquilo que esperava, a fala, diz ele: “abandonei meu aluno a um mutismo incurável”.

O legado de Jean Marc-Gaspar Itard: rupturas, avanços e esquecimento

Partindo da hipótese de que o isolamento havia sido a causa da condição em que Victor se encontrava, Itard iniciou um projeto pedagógico que valorizou formas de transformar essa condição que, naquele momento, o colocava em situação de desvantagem social.

A relação estabelecida entre Itard e Victor foi intensa. Dispor de um referencial teórico-metodológico para analisar e pautar sua prática permitiu-lhe apresentar algumas idéias que ainda se mostram contemporâneas e outras que carregam limitações próprias da época em que viveu. Assim, condizente com sua abordagem empirista-sensualista, Itard entendia que ao professor caberia a difícil tarefa de organizar os ambientes de aprendizagem, de proporcionar atividades favorecedoras de desenvolvimento, não só cognitivo, mas afetivo e comportamental, idéia que pode ser considerada bastante contemporânea. Entretanto, Itard, atrelado ao seu referencial teórico, tinha dificuldade de flexibilizar algumas vivências junto a Victor.

Itard valorizou muito a fala, pois era difundida a idéia de que a linguagem oral era essencial para desenvolver os processos mentais superiores, o que não deixa de ser uma concepção aceita ainda hoje, apesar da abertura para outras formas de comunicação.

Podemos dizer que Itard foi um homem de ciência, incansável em sua crença na educação, certamente abalado pelo desfecho de sua história com Victor. Ao abandonar a educação de Victor, triunfaram outras concepções sobre os cuidados que deveriam ser dispensados às crianças “alienadas”.

O legado de Itard foi esquecido, ou parcialmente reduzido à discussão das práticas pedagógicas como técnicas de ensino. Perde-se, assim, o que ele tem de precioso e que nos convida a reler sua obra: o entendimento de que o homem é um ser de relações, para o qual a educação é fundamental para sua constituição como ser social, histórico e cultural. Abordando com honestidade a fragilidade e a importância do elo que se forma entre educando e educador no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento, Itard nos remete à reflexão sobre as mudanças necessárias nos processos de avaliação do

processo de aprendizagem, das relações professor-aluno, das considerações da afetividade daquele que ensina e daquele que aprende, entre tantas outras provocações que já foram anunciadas há mais de dois séculos, mas que parecem tardar para se tornarem realidade.

Referências

ANTUNES, M. A. M. Materialismo histórico-dialético: fundamentos para a pesquisa em história da psicologia. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. (orgs.). **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

AQUINO, J. G. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

BONNATERRE, P.J. (1800) Notice historique sur le sauvage de l'Aveyron et sur quelques autres individus qu'on a trouvé dans les forêts, à différentes époques. In: GINESTE, T. **Victor de l'Aveyron Dernier enfant sauvage, premier enfant fou**. Paris: Hachette Littératures, 2004.

CONDILLAC, E. de. (1754) **Tratado das Sensações**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. (1746) **Ensayo sobre el origen de los conocimientos humanos**. Madri: Editorial Tecnos, 1999.

ITARD, J. M.G. (1801) Da educação de um homem selvagem ou primeiros desenvolvimentos físicos e morais do jovem Selvagem do Aveyron. In: BANKS-LEITE, L.; GALVÃO, I. (orgs.). **A Educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. (1806) Relatório feito a sua Excelência o Ministro do Interior, sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do Selvagem do Aveyron. In: BANKS-LEITE, L.; GALVÃO, I. (orgs.). **A Educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. (1802) Mémoire sur le mutisme produit par la lésion des fonctions intellectuelles. In: GINESTE, T. **Victor de l'Aveyron Dernier enfant sauvage, premier enfant fou**. Paris: Hachette Littératures, 2004.

_____. (1828) Vésanies. In: GINESTE, T. **Victor de l'Aveyron Dernier enfant sauvage, premier enfant fou**. Paris: Hachette Littératures, 2004.

LANE, H. **L'enfant sauvage de l'Aveyron**. Paris: Payot, 1986.

SICARD, R. A. (1798) Course of Instruction for a congenitally deaf person. In: LANE, H; PHILIP, F. **The deaf experience – classics in language and education**. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1984.